

Maio / 2020

INTERNACIONAL

O mês de maio foi pautado pelos sinais promissores de contenção do contágio pelo “coronavírus” na população dos países do hemisfério norte, notadamente na Europa e Ásia. Neste contexto, a retomada da atividade econômica ganhou peso relevante, com a reabertura do comércio e relaxamento das regras de distanciamento social.

Alguns países da Ásia, como China, Coreia e Japão, conseguiram conter o número de novos casos em patamares baixos, enquanto suas economias entraram em fase de retomada gradual da abertura. Na Europa, a curva de novos casos entrou em trajetória descendente e a abertura das economias locais, ainda que por etapas, vem ganhando terreno.

Outro fator de alívio e otimismo veio do anúncio de que uma vacina eficaz deverá estar disponível ainda este ano, na medida em que uma dezena delas estão em fase de testes em humanos.

Na esteira da contenção da pandemia, alguns indicadores econômicos divulgados, sobretudo na Europa e nos EUA, mostraram uma melhora significativa da atividade econômica nessas regiões.

Entretanto, mais do que os sinais promissores, o que moveu os mercados de risco foram os maciços programas de estímulos monetários promovidos pelos bancos centrais, que injetaram US\$ 14 trilhões nos sistemas financeiros globais para estimular as economias, que haviam entrado em espiral de queda por conta da paralisação global da atividade. Boa parte desse capital acabou investido no mercado financeiro e sustentou a alta generalizada dos ativos de risco.

No Brasil, o descompasso da pandemia na comparação com os países do hemisfério norte poderia se transformar num fator positivo dado que o país deveria utilizar a experiência externa para minimizar a expansão do contágio por aqui. Mas não é o que se tem observado. Após duas trocas de ministros da saúde e embates diários entre o governo federal e os governantes dos estados, o país ainda procura seu caminho para enfrentar um caos social que se avizinha com tamanha desorientação. Sem suporte de notícias boas por aqui, os mercados buscaram performance no noticiário externo.

EUROPA

A atividade industrial na zona do euro deu mostras que o pior momento ficou pra trás. Conforme divulgou a agência IHS Markit, o índice de gerentes de compras (PMI, na sigla em inglês) composto, que engloba o setor industrial e de serviços, avançou da mínima recorde de 13,6 pontos em abril para 30,5 pontos na preliminar de maio, porém ainda abaixo da marca de 50 pontos que separa contração de expansão. O PMI de serviços também deu um salto, passando de 11,7 pontos em abril para 30,5 pontos em maio.

Panorama Econômico

Os índices inflacionários seguem em trajetória de queda. Conforme anunciou a agência Eurostat, o índice de preços ao consumidor (CPI, na sigla em inglês) da zona do euro recuou -0,1% em maio, pressionado pela queda nos preços da energia. Em abril, o índice tinha subido 0,3% sobre o ano anterior, após alta de 0,7% em março. Excluindo os elementos mais voláteis de energia e alimentos não processados, o chamado de núcleo da inflação, os preços ficaram estáveis na base mensal.

A agência de estatísticas Eurostat divulgou, em segunda leitura, que o PIB da região do primeiro trimestre encolheu 3,6% em relação ao trimestre anterior, pressionado pela queda nos gastos das famílias e nos investimentos. A agência informou que o transporte comercial e o setor de hotelaria, bem como artes e entretenimento, foram os mais atingidos com uma queda de 6,8% sobre o trimestre anterior, já que a maioria dos países da zona do euro fechou suas economias durante o mês de março.

Conforme previsão da Comissão Europeia, o PIB da zona do Euro deve registrar uma contração de 7,7% este ano, diante do impacto econômico sem precedentes devido à crise gerada pela pandemia do "coronavírus". Para 2021, a Comissão prevê uma recuperação do PIB da ordem de 6,3%.

Em relação ao mercado de trabalho, a Comissão Europeia estima que a porcentagem de desempregados deva aumentar em 2,1 pontos até 9,6% em 2020. Os países que mais devem ver o número de pessoas perderem seus trabalhos são Grécia (19,9%), Espanha (18,9%), Itália (11,8%), França (10,1%) e Portugal (9,7%).

EUA

Os dados da produção manufatureira dos EUA apresentou leve recuperação em maio, um crescimento de 3,8% em relação a abril, que havia recuado 15,5% em relação a março, constituindo-se na maior queda na série histórica.

Do lado da demanda, o Departamento do Comércio dos EUA divulgou que as vendas no varejo avançaram 12,4% em maio, acima das estimativas do mercado que eram de crescimento de 8%. A leitura também marca um aumento bastante significativo em relação a abril, quando o indicador revisado registrou -14,7%. O núcleo das vendas no varejo, que exclui alimentos e combustíveis, cresceu 12,4%, ante projeção de 5,5% e leitura do mês anterior, de -15,2%.

Em relação ao mercado de trabalho norte-americano, o mês de maio apresentou dados que demonstram uma interrupção na destruição de postos de trabalho. Conforme divulgou o Departamento de Trabalho, foram criadas 2,5 milhões de vagas com o início do processo gradual de reabertura da economia doméstica, após meses de quarentena forçada para conter o avanço da pandemia, sugerindo que a economia vem se recuperando além do previsto. O relatório de emprego, denominado "payroll", mostrou que a taxa de desemprego caiu a 13,3%, ante 14,7% em abril, mês em que ocorreu a maior destruição de postos de trabalho da história do país (-20,5 milhões).

O Departamento do Comércio dos EUA revisou para baixo o desempenho da economia do país no primeiro trimestre deste ano. Segundo dados divulgados, o PIB do país encolheu a uma taxa anualizada de 5% entre janeiro e março - dados preliminares apontavam para uma queda de 4,8%. Conforme previsão do Banco Central local (o FED, na sigla em inglês), o PIB em 2020 deve retrair 6,5% e crescer 5,0% em 2021.

ÁSIA

A região da Ásia Oriental, a primeira a enfrentar os problemas oriundos da contaminação pelo “coronavírus”, também foi a primeira a aliviar as medidas de isolamento e retomar as atividades. Conforme informou a agência Caixin/Markit, o índice de gerente de compras (PMI, na sigla em inglês) industrial chinês subiu a 50,7 pontos em maio, de 49,4 pontos no mês anterior. Embora modesta, a leitura de maio foi a mais alta desde janeiro, diante do forte aumento da produção em razão do retorno das empresas ao trabalho. Porém, a demanda permaneceu fraca, pois muitos dos parceiros comerciais da China ainda estão no auge da pandemia, então as novas encomendas para exportação permanecem em patamares baixos. O PMI composto oficial de maio, que inclui atividades de manufatura e serviços, permaneceu estável em 53,4 pontos.

A Agência Nacional de Estatísticas informou que a produção industrial chinesa acelerou a 4,4% em maio na comparação com maio do ano passado, e segundo mês consecutivo de expansão, após alta de 3,9% em abril. Ainda assim, o número foi pior que o previsto em meio à queda nas exportações e da demanda doméstica ainda em recuperação lenta.

No Japão, foi revelado que o PMI industrial caiu a 49,6 pontos em maio, em leitura preliminar medido pela IHS Markit, ante 50,2 pontos em abril. Enquanto isso, o presidente do banco central local (BoJ, na sigla em inglês), declarou que a autoridade monetária está pronta para tomar medidas adicionais para amortecer o impacto da pandemia pelo “coronavírus”, dias após o banco anunciar disponibilidade para injetar 1,7 trilhões de ienes, o equivalente a US\$ 15,8 bilhões, em empréstimos a empresas atingidas pela pandemia.

A inflação japonesa confirma o cenário de economia estagnada. O núcleo os preços ao consumidor no Japão caiu pelo segundo mês seguido em maio, reforçando as expectativas de deflação e levantando um desafio para as autoridades na batalha para reanimar a economia após a pandemia. Os dados provavelmente irão complicar o trabalho do BoJ de restaurar o crescimento e a inflação, com uma série de indicadores recentes sugerindo que o país está em sua pior queda econômica pós-guerra.

MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL

No mercado internacional de renda fixa, a volatilidade nos preços manteve-se próxima ao normal após o FED manter o juro próximo de zero e anunciar que assim deverá permanecer por um tempo suficientemente prolongado enquanto a economia doméstica não se consolidar no terreno do crescimento. Os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento de 0,636% ao ano no final abril, avançaram 0,05 pontos base no fechamento de abril para o nível em torno de 0,641% ao ano, enquanto o rendimento dos títulos do Tesouro de 30 anos avançou para 1,401% ao ano em maio, uma alta de 1,1 pontos base em relação ao fechamento de abril. Já o rendimento dos títulos do governo japonês de 30 anos passou para 0,495% ao ano em no fechamento de maio, uma alta de 0,65 pontos em relação a abril.

Para as bolsas de valores internacionais o movimento foi de valorizações, consolidando o movimento altista observado em abril, diante da maior clareza sobre a retomada do crescimento da economia global. Enquanto a bolsa alemã (Dax) avançou 6,68%, a inglesa (FTSE 100) subiu 2,97%, a do Japão (Nikkei 225) registrou alta de 8,34% e a americana (S&P 500) valorizou 4,53%.

Panorama Econômico

No mercado de commodities, o petróleo tipo Brent para agosto/20 registrou uma alta de 39,8% no mês, a US\$ 35,33 o barril, enquanto o WTI, também para agosto/20, avançou 88,4%, cotado a US\$ 35,49 o barril. A redução da oferta global, combinada com a volta da produção nos países asiáticos, resultou num estoque mais contido a nível mundial e a recuperação nos preços após as fortes quedas registradas nos meses de fevereiro, março e abril.

NACIONAL

ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), considerado uma prévia informal do PIB, registrou uma forte retração em abril, caindo -9,73% na comparação com o mês anterior, conforme divulgou o Bacen. Os números de abril refletem o primeiro mês cheio de quarentena no Brasil, visto que as medidas de isolamento social para conter o avanço do “coronavírus” começaram a ser implementadas no fim de março. O índice teve queda de -15,08% na comparação anual.

A taxa de desemprego no Brasil avançou para 12,6% no trimestre encerrado em abril, atingindo 12,8 milhões de pessoas, segundo dados da Pnad Contínua divulgados pelo IBGE. A taxa é ligeiramente superior a registrada no trimestre encerrado em março, de 12,2%, e mostra parte dos efeitos da crise econômica causada pela pandemia pelo “coronavírus” no mercado de trabalho brasileiro.

A renda média real do trabalhador foi de R\$ 2.425 no trimestre, alta de 2,0% em relação ao número do trimestre encerrado em março.

SETOR PÚBLICO

Conforme informou o Banco Central, o setor público consolidado (Governo Central, Estados, municípios e estatais, com exceção de Petrobras e Eletrobrás) registrou um déficit primário R\$ 94,3 bilhões em abril. No ano, o déficit primário acumulado do setor público consolidado atingiu R\$ 82,6 bilhões. Apesar da meta original para este ano estar fixada em R\$ 124 bilhões, ou 1,6% do PIB, com o aumento de despesas públicas em função da pandemia pelo “coronavírus” o Tesouro Nacional revisou as estimativas para a atividade econômica em 2020, e espera um déficit primário do setor público de R\$ 708,7 bilhões em 2020. O valor corresponde a 9,9% do PIB.

A dívida bruta geral do setor público, que contabiliza os passivos dos governos federal, estaduais, municipais e do INSS, voltou a subir em abril e totalizou 79,7% do PIB, somando R\$ 5,818 trilhões, conforme divulgou o Bacen. Esse dado representa um aumento de R\$ 60 bilhões em relação a março, quando a dívida bruta estava em 78,4% do PIB. As estimativas do mercado convergem para uma disparada na dívida pública este ano em função do aumento de gastos com as medidas emergenciais de ajuda aos mais necessitados. É crescente o número de previsões esperando que a dívida ultrapasse o patamar de 90% do PIB, quase o dobro da média dos países emergentes.

INFLAÇÃO

O IBGE divulgou que o IPCA variou -0,38% em maio, registrando a maior queda mensal do índice desde agosto de 1998. No ano, o índice acumula queda de -0,16%, e nos últimos 12 meses, de 1,88%, abaixo do piso da meta de inflação definido pelo Bacen, de 2,50%. Novamente, o índice foi puxado para baixo decorrente da queda nos preços dos combustíveis, com recuo de -4,56%. O preço das passagens aéreas foi a segunda maior contribuição para a queda do indicador, ao recuar -27,14% no mês de abril (contribuição de -0,16 ponto no IPCA).

Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), que mede a variação da cesta de consumo de famílias com renda de até cinco salários mínimos e chefiadas por assalariados, registrou deflação de -0,25% em maio, após registrar alta de 0,23% em abril. Como resultado, o índice acumulou uma elevação de 0,06% no ano e 2,05% em doze meses.

CÂMBIO E SETOR EXTERNO

O dólar comercial encerrou o mês de maio com queda de -1,79%, a primeira queda mensal da moeda no ano, cotado a R\$ 5,340 na venda, em meio à deterioração das contas públicas devido ao elevado custo social produzido pela pandemia do “coronavírus”, e os temores dos impactos da paralisação das atividades na economia por um período prolongado. No acumulado do ano, a moeda norte-americana valorizou 33,08%.

Em abril, as transações correntes apresentaram superávit de US\$ 3,8 bilhões em termos nominais, o segundo número positivo consecutivo. Com o resultado de abril, o déficit em 12 meses passou a 2,61% do PIB.

O estoque de reservas internacionais atingiu US\$ 339,3 bilhões em abril de 2020. O decréscimo de US\$ 3,8 bilhões, relativamente à posição de março, decorreu principalmente da liquidação de US\$ 5,9 bilhões em intervenções no mercado de câmbio, compostas por US\$ 6,6 bilhões em vendas à vista, US\$ 24 milhões de concessões líquidas em linhas com recompra, e US\$ 728 milhões em retornos líquidos nas operações comprometidas em moeda estrangeira.

Conforme divulgou o Ministério da Economia, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 4,548 em maio, o pior resultado para o mês em cinco anos, em razão da diminuição do fluxo de comércio entre países. Com o resultado, a balança comercial acumula superávit de US\$ 16,349 bilhões neste ano. As exportações recuaram para US\$ 17,940 bilhões, enquanto as importações somaram US\$ 13,392.

RENDA FIXA

Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês de maio acabou sendo os pós-fixados atrelados a inflação. O IMA-B 5, que reflete a variação dos títulos pós-fixados com prazos intermediários, valorizou 2,12%, e o IDkA IPCA 2A atingiu

Panorama Econômico

valorização de 1,76%. Já o IMA-B Total encerrou o mês com alta de 1,52%. Dos ativos atrelados a taxas pré-fixadas, o melhor desempenho foi do IRF-M 1+, que valorizou 1,92%. Já o CDI variou 0,24% no período.

RENDA VARIÁVEL

Para o Ibovespa, o mês foi de manutenção do movimento de recuperação parcial das perdas observadas no mês de abril, com os investidores corrigindo os preços após o “crash” ocorrido em março. O Ibovespa espelhou parte dos ganhos das bolsas no exterior, diante das maciças injeções de liquidez promovidas pelos bancos centrais nos mercados de crédito. Ao final do mês de maio, o Ibovespa avançou 8,57%, reduzindo a desvalorização no ano para -24,42%. O índice encerrou o mês aos 87.402 pontos.

PERSPECTIVAS

Com o mês de maio pautado pela evolução positiva da epidemia nos países desenvolvidos e sinais animadores de que o fundo do poço da desaceleração econômica tenha sido atingido, agora os mercados esperam por indicadores de desempenho mais recentes para observar se a reabertura das atividades e relaxamento do distanciamento social surtiram efeitos práticos na melhora do balanço de riscos dos países.

Por outro lado, há preocupação com uma nova onda de contágios devido ao relaxamento das regras de isolamento social. Na China, já se observa um pequeno foco de novos casos. Em alguns países da Europa, o número de novos casos tem aumentado e necessitam ser monitorados para evitar uma nova paralisia da atividade.

A maior fonte de preocupação atual é na América Latina, região na qual os primeiros casos de infecção chegaram com “delay” de 60 dias. Ocorre que, por aqui, as condições macroeconômicas são diametralmente opostas, a começar pela capacidade das autoridades econômicas e monetárias em financiar a economia durante o período de letargia, enquanto países do primeiro mundo despejam rios de dinheiro nas suas economias e avisam que tem mais dinheiro se houver necessidade.

No Brasil, por exemplo, os programas de auxílio não suportam 60 dias de paralisação. Além disso, a equipe econômica já avisou não haver mais condições de dar suporte a população. Com isso, a pressão para antecipar a reabertura da atividade vem muito forte e as autoridades não tem como segurar. Assim, o número de novos casos e óbitos só faz aumentar, levando algumas regiões a suspender a reabertura do comércio local e piorar ainda mais a situação.

Alguns indicadores de desempenho da economia doméstica, que deverão ser divulgados nos próximos dias, darão uma boa ideia da dimensão do estrago por aqui. Os dados referentes a emprego e renda, por exemplo, devem refletir com mais propriedade os impactos da pandemia a partir dos números a serem divulgados em julho, na medida em que os programas de preservação do emprego e da renda vão se exaurindo.

Não bastassem, as questões políticas insistem em se sobrepor as questões sanitárias. Destaque para o julgamento sobre a cassação da chapa Bolsonaro/Mourão pelo TSE, além dos embates entre os poderes

republicanos, especialmente o Executivo e Judiciário nas questões sobre os inquéritos das “fake news” e atos antidemocracia.
